

## Setenta anos de *Arquivos Brasileiros de Psicologia*: políticas e narrativas na construção (e transformação) de uma ciência brasileira

Pedro Paulo Gastalho de Bicalho

Cláudia Henschel de Lima

O primeiro editorial deste ano não poderia deixar de citar que 2019 é um ano especial para a *Arquivos Brasileiros de Psicologia*. Nossa revista, a mais antiga em Psicologia do país, completa 70 anos.

O filósofo Walter Benjamin, ao elaborar em sua obra uma reflexão sobre a experiência e a sua relação com a produção do conhecimento, traz excelentes contribuições para a efemeridade em questão. Benjamin (2000) convida-nos a uma nova estética ao afirmar a necessidade de se assumir que o excesso de experiência não necessariamente se conecta com a realidade, com a atualidade. Tal excesso estaria expresso na figura do *adulto da experiência*, que acumula conhecimento, autorizando-o a evocação de uma dita experiência maior. Por outro lado, aposta-se na disposição de espírito de um *bárbaro*, contrariando a ética da civilização *adultocêntrica* moderna.

Barbárie? Sim. Responderemos afirmativamente para introduzir um conceito novo e positivo de barbárie. Pois o que resulta para o bárbaro dessa pobreza de experiência? Ela o impele a partir para a frente, a começar de novo, a contentar-se com pouco, a construir com pouco, sem olhar nem para direita nem para a esquerda (Benjamin, 1987, p. 115-116).

Benjamin (1987) pontua que situar-se junto à pobreza da experiência seria uma atitude ética contra a evocação de uma experiência maior. Assim, afirma a elevação de uma experiência que é pobre em conhecimentos acumulados como saída, mas que segue em frente. O narrador seria um canal por onde passam os fluxos da história e onde essa mesma história se funde e se transforma. História esta que, na modernidade, é percebida como descontínua, fragmentada e contingente.

É através da poesia lírica de Charles Baudelaire que Walter Benjamin (2000) vê uma possibilidade ética-estética de narrativa na modernidade. Uma experiência a partir da vivência em profunda conexão com a realidade. A poesia realizada por Baudelaire é aquela atenta à vida ordinária das cidades, que eleva a vivência a uma estética poética. Ele é um andarilho da cidade e sua relação com Paris é vista pela ótica do *flâneur*. Em meados do século XIX, frente ao fervilhar da industrialização, as mudanças do novo homem acompanham as transformações da cidade. O olhar do *flâneur*, que a vê sem disfarces e percorre seus sentidos, seguindo seus movimentos, representaria a relação do artista com a mesma.

O flunar, enquanto uma aposta ética na política da narratividade, convida-nos a uma *observação apaixonada* ao longo do caminho (Decotelli, 2015). Um olhar atento à

realidade, ao mundo e a nós mesmos. Um olhar que perambula e deixa-se levar pelas intensidades que nos movem. Neste caminhar, impossível é furtar-se dos atravessamentos que nos constituem. Assim, perceber as políticas de narratividade é também perceber a nós mesmos. E aprender a perceber, a ver, a ler e a ouvir as pistas do que é narrado faz-se condição de possibilidade para existirmos. Assim, ciência e narrador (ou pesquisador) se coengendram.

Nosso periódico, em seus 70 anos de história, narrou a construção da Psicologia, como ciência e profissão, no Brasil. E, assim, constituiu-se como importante ator na transformação desta Psicologia, efetivamente brasileira. Nosso periódico narrou 70 anos da construção de nós mesmos. *Até o leão ter seu próprio contador de histórias, o caçador continuará sendo o herói*, nos ensina a oralitura Ewe-mina. Por isso comemorar: porque, ao narrar, tornamo-nos protagonistas de nossa própria história. E, assim, vamos contribuindo para a construção de uma Psicologia verdadeiramente brasileira. Uma Psicologia que se quer descolonizada, protagonista. Uma Psicologia que se narra. Uma Psicologia por ela mesma.

Chimamanda Ngozi Adichie, durante a palestra *O perigo de uma história única* no TEDGlobal<sup>1</sup>, em 2009, traz o antigo conceito de *nkali*, do povo Igbo, do Sul e Sudeste da Nigéria. Conceito que significa “ser maior que o outro”, para pensar a história. As histórias e narrativas, segundo ela, assim como a política e a economia, são definidas pelo princípio do *nkali*. Como, quando, por quem, para quem, quantas e onde são contadas as histórias depende do *nkali*. Segundo ela, *nkali* é o poder de não somente contar a história do outro, mas de fazê-la soar como sua história definitiva.

Em *A Ordem do Discurso*, Foucault (1971/2009) fala sobre a produção das narrativas e o poder de verdade perpetuado por elas por intermédio da figura do autor:

Entendido o autor, claro, não como o indivíduo que fala, o indivíduo que pronunciou ou escreveu um texto, mas como princípio de agrupamento do discurso, como unidade e origem das suas significações, como lastro da sua coerência. [...] existem, à nossa volta, muitos discursos que circulam sem que o seu sentido ou a sua eficácia estejam em poder de um autor, a que seriam atribuídos: palavras do dia a dia, que se apagam de imediato; decretos ou contratos que têm necessidade de signatários, mas não de autor, receitas técnicas que se transmitem no anonimato. Mas nos domínios em que a atribuição a um autor é usual – literatura, filosofia, ciência – vemos que essa atribuição não desempenha sempre o mesmo papel; na ordem do discurso científico, a atribuição a um autor era, na Idade Média, indispensável, pois era um indicador de verdade. Considerava-se que o valor científico de uma proposição estava em poder do seu próprio autor [...]. O autor é o que dá à inquietante linguagem da ficção, as suas unidades, os seus nós de coerência, a sua inserção no real (, p. 21).

Assim, seguindo as pistas deixadas por Adichie e Foucault, escrever e ser autor da história e vida de um sujeito ou um povo é atravessado pelo *lastro de coerência* desse autor, como mencionado por Foucault. Sem os autores, portanto, não completaríamos 70 anos. Os autores são aqueles que, por meio de seus manuscritos, cedem ao nosso periódico seus *lastros de coerência*.

“Partimos do entendimento de que o processo de produção de conhecimento ocorre no plano das redes, dos fluxos, por serem configurados a partir de linhas móveis de visibilidade e de enunciação” (Bicalho, Magalhães, Cassal, & Geraldini, 2012, p. 270).

As redes, sempre coletivas, são produtos de conexões e produtoras de agenciamentos múltiplos. Deste modo, não poderíamos deixar de mencionar que nestes 70 anos foram muitos os editores que nos antecederam. Foram muitas pessoas que traba-

---

<sup>1</sup> [https://www.ted.com/talks/chimamanda\\_adichie\\_the\\_danger\\_of\\_a\\_single\\_story?language=pt-br](https://www.ted.com/talks/chimamanda_adichie_the_danger_of_a_single_story?language=pt-br)

lharam na construção deste periódico, o que torna impossível qualquer tentativa de nomeá-los. Registramos nossos agradecimentos à equipe que atualmente encontra-se conosco: além dos editores, que assinam este editorial, contamos com os editores de seção: Ana Cristina Barros Cunha, Cristiana Carneiro e Pedro Paulo Pires, além dos assistentes editoriais: Jéssica da Silva David, Maria Stela Campos, Alice Sofia Padilha, Thalles Sampaio e Julia Cunha. Sem esquecer Francisco Teixeira Portugal, editor da revista até o ano passado, sempre presente entre nós.

Agradecemos, especificamente neste primeiro editorial do ano, às autoras e aos autores dos 13 artigos aqui publicados: (1) *Encontros possíveis entre psicologia e educação para a inclusão escolar*; (2) *O estresse em mães de prematuros: ensaio clínico sobre atividade educativa*; (3) *Espaço do berçário: contribuições de um programa de acompanhamento*; (4) *Julgamento moral e posicionamento político-ideológico de jovens brasileiros*; (5) *Alienação parental nas varas de família: avaliação psicológica em debate*; (6) *Os desafios dos estágios supervisionados específicos em psicologia escolar*; (7) *Práticas integrativas e complementares na saúde mental do estudante universitário*; (8) *Acolhimento psicológico com sujeitos marginalizados: tensões entre o tradicional e o instituinte*; (9) *A supervisão na clínica-escola como balança para a psicanálise na universidade*; (10) *Ansiedade entre as pessoas surdas: um estudo teórico*; (11) *Suicídio: uma compreensão sob a ótica da psicologia existencial*; (12) *Psicossomática: um fenômeno entre o saber e o poder*; (13) *Qualidade de vida e satisfação corporal de transexuais*.

Agradecemos, ainda, à Fundação Carlos Chagas Filho de Amparo à Pesquisa do Estado do Rio de Janeiro (Faperj), ao Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq) e à Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (Capes), que financiam nosso periódico. Aos inúmeros indexadores, que permitem a difusão do conhecimento aqui produzido, ao Programa de Pós-graduação em Psicologia da Universidade Federal do Rio de Janeiro, ao qual estamos vinculados, e aos nossos leitores, razão pela qual existimos. E, nestes 70 anos, resistimos: a todos os ataques e tentativas de desmonte às políticas públicas de educação.

## Referências

- Benjamin, W. (1987). *Magia e técnica, arte e política: Ensaio sobre literatura e história da cultura*. São Paulo, SP: Brasiliense.
- Benjamin, W. (2000). *Charles Baudelaire: Um lírico no auge do capitalismo*. São Paulo, SP: Brasiliense.
- Bicalho, P. P. G.; Magalhães, K. C.; Cassal, L. C. B., & Geraldini, J. R. (2012). Cinquenta anos de produção do conhecimento: Práticas políticas da pesquisa em Psicologia. *Psicologia: Ciência e Profissão*, 32 (n.esp.), 268-279. <https://doi.org/10.1590/S1414-98932012000500019>
- Decotelli, K. C. M. (2015). *Uma cartografia das múltiplas cenas de 'violência' na escola: O acontecimento bullying e a produção da judicialização da vida escolar*. Tese (Doutorado em Psicologia). Programa de Pós-graduação em Psicologia, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, Brasil.
- Foucault, M. (2009). *A ordem do discurso: Aula Inaugural no Collège de France, pronunciada em 2 de dezembro de 1970*. São Paulo, SP: Loyola. (Original publicado em 1971).